



PADRE ARISTIDES ROCCO



SALESIANOS

INSPETORIA SALESIANA DE
NOSSA SENHORA AUXILIADORA

SÃO PAULO - SP



A família do P. Aristides em 1942

“Sabemos que, se a nossa habitação terrestre, esta tenda em que vivemos, for dissolvida, possuímos uma casa que é obra de Deus, uma eterna morada nos céus, que não é feita pela mão humana” (2Cor 5,1).

Comunico o falecimento do

SALESIANO PADRE ARISTIDES ROCCO

ocorrido em São Paulo aos 11 de junho de 2004 com 90 anos de idade,
70 de vida religiosa 62 de sacerdócio.

SUA FAMÍLIA

O padre Aristides Rocco nasceu em S. Bernardo do Campo - SP no dia 07 de novembro de 1913. Foram seus pais Eugênio Rocco e Albina Cataruzzi Rocco.

Foi batizado na paróquia de Santo André aos 27 de dezembro de 1914 pelo padre Luiz Cappra e crismado no dia 17 de junho de 1928 por Dom Antonio de Almeida Lustosa SDB, na capela do Colégio São Manoel de Lavrinhas.

Seus pais tiveram três filhos, Catarina, Aristides e Teodolinda. Os pais, católicos, migrantes italianos, tradicionais, ofereceram aos filhos uma cuidadosa e profunda educação religiosa. Esta família deu para a Igreja e a Congregação três vocações, o padre Aristides e suas duas irmãs, Filhas de Maria Auxiliadora, Catarina e Teodolinda.

A Ir. Catarina Rocco nasceu em 1906, fez o noviciado em São Paulo, no Ipiranga na casa de noviciado das FMA, Nossa Senhora das Graças, morou em Ribeirão Preto (SP) e faleceu de tuberculose em São Paulo aos 10 de dezembro de 1944, quando o Aristides tinha dois anos de sacerdócio, e a Ir. Teodolinda Rocco nasceu em 1916, fez também o noviciado no Ipiranga, sua primeira profissão foi em 06 de janeiro de 1938, em S. Paulo e os votos perpétuos em 1944 (ano de morte da irmã), em Rio do Sul (SC). Foi ecônoma do Instituto Santa Teresa de Lorena, que faleceu em S. Paulo no Santa Teresinha no dia 24 de maio de 2012.

ITINERÁRIO DA VIDA DO P. ARISTIDES

Depois de feito seu curso primário, a primeira casa salesiana de que teve conhecimento e entrou, foi o Liceu Coração de Jesus em São Paulo no dia 10 de março de 1927. Aí é que fez o Curso de Admissão ao Ginásio. No exame, foi aprovado. O atestado do P. Luiz Marcigaglia foi assinado no dia 15 de dezembro de 1927. Foi promovido para o primeiro ano do Curso Comercial.

Em 1931 está em Lavrinhas. O Boletim de notas do quarto ano traz notas excelentes e procedimento "*Ótimo com Louvor*" assinado pelo P. Valentim Cricco com data de 7 de dezembro de 1932.

CAMINHADA SALESIANA

Através dos diversos pedidos para ingresso no noviciado, para a profissão religiosa nas suas diversas etapas e para a recepção das ordens sacras, o candidato vai revelando a verdade de sua vocação, de seus sentimentos, de sua fé e de sua espiritualidade. E é bonito ver a constante observação nas fichas do seminarista Aristides Rocco: *muito trabalhador, estudioso, piedoso*. E o seminarista Aristides não

esconde que passou por provações e dissabores, mas tudo venceu com a graça de Deus e a intercessão de N. S. Auxiliadora Imaculada.

No dia 8 de dezembro de 1932 fez seu pedido para ingressar no noviciado escrevendo que “terminado cinco anos de prova no aspirantado e sentindo-me com força e desejo sempre ardente de consagrar-me a Deus na religião; humildemente peço a graça de vestir a batina de filho de Dom Bosco e ser recebido no recinto do noviciado”. Foi aceito plenamente.

Em 1933, com vinte anos, no dia 27 de janeiro de 1933 entrou no noviciado. Recebeu a batina das mãos do inspetor, P. André Dell’Oc- ca no dia 28 de janeiro de 1933. O noviciado foi em Campinas no Liceu N. S. Auxiliadora. Eram 21 noviços. O mestre era o P. Agenor Vieira Pontes, jovem salesiano, sacerdote, formador, mestre de noviços de várias gerações.

No dia 8 dezembro de 1933 faz o seu pedido para ser admitido à primeira profissão religiosa. Ele se declara com forças e desejo sempre vivo de consagrar-se a Deus na Congregação Salesiana e declara sua confiança em Nossa Senhora. De fato, no dia 28 de janeiro de 1934 fez sua primeira profissão religiosa por três anos.

Agora o seminarista Aristides Rocco, nos anos 1934-1935 passa morar em Lavrinhas com estudante de filosofia. Eram 32 estudantes tendo como diretor o P. Luiz Garcia de Oliveira juntamente com o P. João Batista Costa como catequista e o P. Ladislau Paz como conselheiro.

A partir de 1936 até 1938 realizará o tirocínio prático, o exercício concreto da pedagogia salesiana no Colégio São Joaquim de Lorena, uma grande escola com ensino primário e ginásial para internos e externos. No dia 13 de janeiro de 1937 renova sua profissão trienal ainda nas mãos do inspetor, P. André Dell’Oc- ca.

Na área de aperfeiçoamento pedagógico e didático, P. Aristides obteve os títulos de diretor de Estabelecimentos de Ensino com Registro no Ministério de Educação e Cultura sob o nº 2.536, o Registro

de Secretário sob o nº 83/SP MEC, os títulos de professor para o 1º Grau nº D-8244 e para o 2º Grau nº D-8244 para as matérias Português, Matemática, História e Geografia. E lecionou estas matérias.

Agora em 1939 sendo diretor do Instituto Pio XI, na Lapa, em São Paulo, o padre Domingos Cerrato, o seminarista Aristides começa seus estudos de teologia. Nesta casa trabalham também o P. João Resende Costa e o P. Virgínio Fistarol como administradores e professores. Neste ano, aos 7 de dezembro nas mãos do inspetor, P. Orlando Chaves, fez a profissão perpétua.

No processo formativo nesta fase do estudantado de teologia encontramos vários outros pedidos para a recepção da tonsura, das ordens menores e das ordens maiores. Todas as ordenações foram presididas por D. José Gaspar de Afonseca e Silva, arcebispo de São Paulo culminando com a ordenação presbiteral no dia 8 de dezembro de 1942.

ITINERÁRIO DE SUA VIDA SACERDOTAL

Começa agora sua vida de salesiano padre em Lorena no Colégio São Joaquim no ano de 1943. O colégio é aspirantado, pós-noviciado, tem o ensino primário, ginásial para externos, santuário, ex-alunos; ele é conselheiro do externato e diretor do Oratório Festivo.

Em 1944 o encontramos no Liceu N. S. Auxiliadora em Campinas como ecônomo. O diretor é o P. Virgínio Fistarol, catequista o P. Valentino Cricco e conselheiros no internato o P. Tercílio Chiarelli e no externato o P. Iran Correa. O Liceu, fundado em 1897 para pobres e órfãos desamparados, em consequência da febre amarela. Nos moldes do Liceu de São Paulo, surgiu o Liceu N. S. Auxiliadora de Campinas. Aí foi se desenvolvendo a vida escolar, as artes e ofícios.

Agora, neste ano de 1947, já estruturado como colégio para internos e externos, escola Agrícola, ex-alunos e Oratório, o diretor P. Escalabrino Olívio tem como ecônomo, o P. Aristides, homem piedoso, mas de ordem e disciplina, sua característica pela vida toda. Aí permanece de 1944 até 1952 tendo vários diretores como os citados acima e este dois, o P. Bartolomeu Poli e o P. Avelino Canazza.

Em 1953 vai para longe, para Rio do Sul (SC) como conselheiro escolar, colégio com primário e ginásial, o diretor é o P. Vitor Vicenzi.

Em 1954 já está de volta para São Paulo, agora para a Mooca.

Em 1955 o vemos no Liceu Coração de Jesus, conselheiro do curso noturno. Os salesianos nesta casa são 46 tantas eram as atividades daquela casa: escola diurna e noturna, internos e externos, paróquia e ex-alunos, oratório e capelarias e escolas profissionais para alfaiates, tipografia e encadernação e Faculdade de Economia.

De 1956 a 1958, novamente vai para longe, o Rio Grande do Sul, para Taquari, com internato para crianças e jovens pobres, escola agrícola e ensino fundamental.

A partir do ano 1959 até 1961, o padre Aristides está no Liceu Coração de Jesus em São Paulo como conselheiro dos semi-internos.

Outro longo capítulo de sua vida, de atividade, de apostolado e de grande incidência pedagógica começa em 1962 na Mooca, no Instituto Salesiano São Francisco, onde ficará até 1990, portanto 28 anos, direto.

Esta casa salesiana, num bairro de migração italiana, foi fundada no dia 24 de março 1936 com Decreto assinado pelo Reitor Mor, P. Pedro Ricaldone. E teve personalidade jurídica constituída de 13 de dezembro de 1937 tendo como finalidade a educação e a assistência social através da promoção da infância, da adolescência e da juventude oferecendo a educação infantil e fundamental e desenvolvendo o ensino técnico profissional e profissionalizante na área gráfica, também produzindo o que é compatível com sua condição de escola profissional.

Ele é o padre Conselheiro. Ali havia internato, externato, primário, ginásial, escola profissional gráfica, igreja pública e oratório. Constam nas crônicas aulas de catecismo, primeiras comunhões e comunhão pascal das diversas turmas. Era significativo o grupo de madrinhas do Oratório e o movimento dos ex-alunos.

Em 1966 foi extinto o orfanato interno. Os meninos foram remanejados ou distribuídos para a Escola Salesiana São José em Campinas ou Campinas Liceu N. S. Auxiliadora, ou para Lorena, Colégio São Joaquim ou para serem semi-internos na mesma Mooca ou no Liceu Coração de Jesus para o curso noturno.

O grupo dos ex-alunos era grande, muito unido e animado pelo P. Aristides. Ele mesmo liderava os trabalhos da cozinha de uma festa do vinho e do queijo, a noite da canja, em favor do Oratório Festivo.

As festas de São Januário, paróquia em que estava a obra salesiana tinha a colaboração constante dos salesianos. E na obra salesiana as festas de Dom Bosco e as festas de Primeiras Comunhões eram muito festivas e solenes como consta da crônica fotográfica daquela casa. O número de oratorianos era enorme.

As festas juninas movimentavam todo o bairro de migração italiana que já conciliava sua vida com a imigração nordestina no bairro.

Em 1990, com muita dor para o P. Aristides, foram fechadas as atividades de educação infantil e ensino fundamental. Houve transferências de pessoal.

A partir de 1991 até sua morte, portanto, por 13 anos, o padre Aristides fará parte da Comunidade do Liceu Coração de Jesus. Será confessor. Passam os diretores P. Milton Antonio dos Santos, P. Mário Quilici, P. Nivaldo Luiz Pessinatti, P. Ailton Antonio dos Santos e P. Antonio Carlos Reami. Todos serão testemunhas da personalidade religiosa, salesiana e de educador do P. Aristides.

Quanta criança fez o primário e a primeira comunhão com o P. Aristides. E guardam saudades até hoje. Rezem por ele. Ele reza por nós.

Fato é o escrito do P. Mario Quilici: *após receber a Unção dos Enfermos e a sagrada Comunhão, pronunciando piedosas jaculatórias, faleceu o P. Aristides Rocco. Embora tivesse um gênio forte,*

TESTEMUNHOS

era acolhedor e amigo. Tinha grande espírito de trabalho. Piedoso, fervoroso, devoto de Maria Santíssima Auxiliadora; muito exato no respeito às normas litúrgicas. Amava muito a Congregação.

Entristecidos pelo seu desaparecimento, nos alegramos porque ele voltou para junto do seu Senhor que, depois de ter batido à sua porta, o chamou pelo nome - Aristides - e ainda uma vez o encontrou “*preparado, os rins cingidos, a lâmpada acesa*” (Lc 12,35), fê-lo entrar em sua casa e agora o faz sentar à sua mesa e o serve, enche-o de alegria e de dias sem fim. Cremos, Senhor, e por isso te somos agradecidos, que “*aos teus fiéis, a vida não é tirada, mas transformada, e enquanto se desfaz a morada terrena, é preparada nos céus uma habitação eterna*” (Prefácio I dos fiéis defuntos).

P. Narciso Ferreira SDB

Assim era o Padre Aristides Testemunho de um seu colega

Reencontrei-o na Mooca em meados de 1.979. Ao vê-lo, lembrei logo o aspirante de 1931. O aspirante contente com o seminário, contente com os mestres, contente com os colegas, contente consigo mesmo. Entusiasta, presença viva no pátio, no canto, na banda; no teatro, nos esportes, revelava-se um jovem prestimoso, que punha a serviço da casa as energias de uma constituição privilegiada. Guardou sempre uma saudosa lembrança desse passado. Homem de poucas palavras, armava um sorriso e punha-se a lembrar e a falar com entusiasmo quando lembrávamos algumas figuras que foram seus ídolos. Na conversa desfilavam antigos colegas, reviviam-se os acontecimentos... “As eternas saudades”, diria Camões.

No Instituto São Francisco da Mooca vi-o sempre animado à frente de seus encargos. Sempre uma presença, uma de suas características, que poderíamos definir como o instinto da assistência. Vê-lo junto à portaria, conversando com todos, acompanhando o movimento era, dava-me uma impressão de segurança para a casa.

Presença no curso primário, no prezinho, entre os ex-alunos. As crianças sorriam alegres, barulhentas (pulai, gritai, dizia Dom Bosco), mas na hora devida, silenciosas, entravam a estudar (!). Os ex-alunos reuniam-se em determinadas datas, sem que jamais deixassem faltar uma gostosa feijoada invernal e uma não menos gostosa canja estiva. Feijoada e canja beneficentes com vistas ao oratório. A frente da alegria, o P. Aristides com sua voz estentórea e abaritonada que se exibia por vezes em interessantes solos, tonitruantes, heroicos. Quem não lembra “Com imensa alegria...”.

Foi um irmão transparente, autêntico. Sempre foi o que era. Com seu jeito, com sua maneira característica de falar e reagir ante os acontecimentos. Sempre vi por detrás de suas palavras e de sua maneira característica de ser, o salesiano que amava Dom Bosco, que amava a Congregação, que amava seu trabalho. Um trabalho que descia a minúcias. Basta lembrar as salas de aula, a secretaria com os registros sempre em perfeita ordem, o arquivo fotográfico que man-

teve sempre em dia, com as fotografias legendadas Lembro o cuidado que tinha com a casa nas enchentes que todos os anos, mais de uma vez, invadiam a casa com suas águas barrentas. Lembro a satisfação que manifestava nas belas e bem preparadas primeiras comunhões.

Três pequenos destaques, entre outros, ajudaram-me a construir, ou melhor, a consolidar a imagem que dele sempre conservei.

O segundo diretor da Mooca foi o P. Benedito Cardoso, da primeira turma de estudantes de teologia que em 1931 se instalaram na chamada chácara do Liceu, no então Chora Menino. P. Benedito deu tudo pela Mooca em seus inícios. Diga-se de passagem que foi sempre um salesiano exemplar. Convivi com ele aspirante, teólogo, e posso afirmá-lo tranquilamente. Estudante de teologia, foi a alma do grande oratório de Santa Teresinha. Doente recebeu as atenções do Sr. Godói e do P. Aristides. P. Aristides, sobretudo, carinhosamente lhe prestava uma assistência que se desdobrava nos vários serviços necessários a um doente que não mais pode cuidar de si. Nessa operação dirigia ao P. Benedito palavras que só ele sabia pronunciar: bem analisadas, diziam carinho e gratidão. Houve dias menos claros em sua vida (como pode acontecer a qualquer mortal), mas o contato com o P. Benedito Cardoso, trouxe luz à escuridão.

Em outra ocasião, sempre na Mooca, o P. Celestino Lazzari não desceu para a missa nem para o café. Foi encontrado sentado em sua cama, costas apoiadas à parede, morto. Lembro que ao vê-lo o P. Aristides disse: “Coitadinho”, mas num tom que manifestava o sentimento que lhe comovia o coração. No P. Aristides, isso era muito significativo.

Deus me deu a graça de fazer 50 anos de sacerdócio. Já 17 anos são passados. Vibrou o P. Aristides com a festa do irmão. A hora do bolo era a sua hora. Vi alegria nos seus olhos, bondade no seu coração. Vi entusiasmo no indispensável “Com imensa alegria...” E todo um passado que revivia no sincero abraço fraterno.

- Sofreu ao deixar a Mooca. Pensei nessa ocasião que muitos problemas não são tanto a coisa em si mas a maneira como a coisa é enfrentada. P. Aristides soube superar também esse momento humanamente difícil.

Sei que aqui no Liceu (outros terão muito que dizer) se manteve sempre o mesmo. Sempre presente no pátio, terço na mão. Disse-me ele que estando entre os alunos, foi algumas vezes convidado a atender confissões de pessoas que solicitavam seu serviço sacerdotal. E o fazia generosamente. Nunca teve horror ao confessionário... Mostrou-se sempre pronto a atender alunos, pais de alunos, o povo nos confessionários do Santuário.

Esse o P. Aristides, visto naturalmente de uma maneira um tanto superficial. Tenho certeza de que por debaixo do que víamos por fora. Deus via muita coisa por dentro, porque o homem vê a face, mas Deus o coração. Agora ele está com Deus, está com Dom Bosco, com todas as pessoas às quais fez o bem. Ai no seu caixão, além de nos lembrar o *hodie mihi cras tibi*, (*hoje eu, amanhã você*) ele nos convida a fazer o que fez de mais bonito: gostar de ser salesiano. O P. Aristides merece o nosso muito obrigado.

Que Deus o tenha consigo.

(Este, o mais belo testemunho certamente é do P. Fausto Santa Catarina, salesiano, seu colega de trabalho na Mooca de 1980 a 1990).

Testemunho de ex-alunos:

PADRE ARISTIDES - é também, nosso grande professor de matemática. Austero. Disciplinador. Na verdade, falemos a verdade, vai. Ele era bravo mesmo ... rrsrrs ... todo mundo tinha medo dele. Eu precisava falar, né Padre ... rrsrrs ... e ainda foi o transmissor da inesquecível “folhinha” - um resumo feito em uma folha dupla de caderno pequeno, com a resenha de toda a aula anterior dada por ele.

O fato é que, eu particularmente, continuo fazendo a “folhinha” da minha vida e minhas ações diárias pessoais e de trabalho, em meu blog pessoal e nos meus sites. Todo santo dia. Se tornou algo tão sagrado para mim, quanto aquelas orações de travesseiro antes de dormir. Obrigado pelo pouco de disciplina que adquiri, padre. Um dia ainda chego lá, fico bom como o senhor. Fica com Deus, querido. Deus te abençoe também.

Testemunho de Eliana Lopes

Que saudade de tudo! Meus olhos e do Wilson, ficaram marejados de lágrimas Com certeza P. Aristides está dando aulas lá encima... e com as folhinhas inesquecíveis!

David Luis Chiusoli: saudades eternas.

Cássio Cappellano: Nossa! Bons tempos. Sabia tudo.

Nunzio Briguglio (Blog do Italianpine):

O padre Aristides era um disciplinador contumaz. Era capaz de rezar uma missa em latim - e eu o ajudei neste mister por dezenas de vezes - de costas para a igreja, e com o canto dos olhos via tudo o que acontecia nos bancos. Lembro-me de uma passagem hilária. Estávamos no momento da consagração da hóstia, eu acionava o sino, o sacerdote pronunciava as palavras: Dominus vobiscum et cum Spiritu tuo, Zanetti pára de fazer bagunça.

....

Ah! Padre Aristides era jogo duro. Ele controlava a escola inteira com uma sineta nas mãos. Aquele som agudo era sinal de alguma coisa errada e fazia perpassar um sentimento de horror em todos.

Um belo dia, Deus ouviu nossas preces e o instrumento quebrou. Mas, o poder do padre Aristides superava coisas triviais como a existência ou não de um sinete. Ele simulava o movimento com o dedo indicador apontado e nós ouvíamos o som do “maldito” como se ele estivesse lá.

Discípulo de São João Bosco, o padre Aristides costumava nos dizer que o conhecimento da fé cristã não servia unicamente para a contemplação, mas sim para a transformação da sociedade. Bem, eu procurei e procuro ainda seguir este ensinamento. Em todas as áreas do conhecimento.

Continuem rezando muito pelo Padre Aristides e pela casa do Liceu Coração de Jesus que continua sua trajetória na mesma missão no campo da educação, com creche e do infantil até universidade, paróquia e oratório, ex-alunos, o abrigo Dom Bosco e o complexo Salesiano de Teatro.

Padre Aristides Rocco

Impossível não gostar do Padre Aristides Rocco! Seu jeito despachado, prático, direto, que não “mandava recados” era naturalmente encantador! Como gostava de festas! Com seu vozeirão era a alma desses momentos. A todos sabia animar, fazer com que o clima de alegria se agigantasse, de tal modo que todos se sentiam envolvidos nos projetos. Disciplinador nato, gostava das coisas bem feitas! Ouvi certa feita que, tendo os salesianos que fechar a escola da Mooca, a supervisora de ensino de então teria dito que nunca tinha levado adiante o processo de fechamento de uma escola tão organizada quanto aquela cuja secretária esteve, por muitos anos, sob a coordenação do Padre Aristides. Era um homem de comunidade... e da “missão salesiana”. Ao seu modo, essas eram duas dimensões sobre as quais não negligenciava: a vida comunitária e o estar entre os alunos e professores. Também nunca pactuou com a displicência quando se tratava do exercício de sua vocação presbiteral: celebrava a eucaristia com zelo e piedade; atendia as confissões com gosto e responsabilidade; amava Nossa Senhora Auxiliadora com profunda simplicidade. Nunca teve, até onde sei, pretensões por cargos ou funções. Era clara, porém, sua opção pelo trabalho, na ótica da compreensão que herdamos de Dom Bosco: o “trabalho santificado”! Fez sempre o que a Congregação Salesiana lhe pediu, e o fez com verdadeira alegria e responsável competência. Por isso foi tão apreciado por seus irmãos salesianos. Creio que, assim como ensina a tradição salesiana, o encontro do Padre Aristides com o Pai de Misericórdia infinita, terá sido um momento de glória para a nossa amada Congregação Salesiana: homem do trabalho, viveu na busca da perseverança fiel, guardou a fé e viveu o amor! Ele, agora na paz eterna, na contemplação da face amorosa de Deus, alcance graças para toda a nossa inspetoria.

P. Edson Donizetti Castilho

DADOS PARA O NECROLÓGIO

Salesiano padre Aristides Rocco

*07 de novembro de 1913 em São Bernardo do Campo - SP

+11 de junho de 2004 em São Paulo - SP

91 anos de idade, 70 de vida religiosa e 62 de sacerdócio.

Sepultado no jazigo dos Salesianos no Cemitério do SS. Redentor em S. Paulo.